



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7351 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

ESCREVER E INSCREVER-SE NA HISTÓRIA: A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER PROTESTANTE NA EDUCAÇÃO METODISTA

Priscila de Araujo Garcez - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

ESCREVER E INSCREVER-SE NA HISTÓRIA: A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER PROTESTANTE NA EDUCAÇÃO METODISTA

As missões religiosas protestantes que estabeleceram-se no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, especialmente advindas dos Estados Unidos, integraram um projeto de expansão e formação de prosélitos em terras estrangeiras, que tinha um papel manifestadamente civilizador e de modernização da sociedade (HILSDORF, 2002). As missionárias que viajaram para cá viram na Educação uma oportunidade de atuação, junto de seus maridos, pais e irmãos, em consonância com o Destino Manifesto norte-americano. A construção de escolas confessionais e universidades, por exemplo, denotam esse caráter ideológico de Educação, pensado para a inserção e afirmação desse grupo religioso na cultura da sociedade brasileira (MENDONÇA, 1984).

Nas igrejas, essas mulheres também atuaram em diferentes frentes, seja como professoras, diretoras, musicistas, filantropas e escritoras, o que possibilitou que tivessem certa projeção no espaço público religioso. A Educação instrumental (op.cit), por elas praticadas em âmbito eclesial, esteve inserida em um cenário político, social, cultural e econômico que descortina a igreja como espaço de formação de crianças, jovens, homens e mulheres, pautado nos ideais liberais e cristãos norte-americanos. De acordo com Almeida (2015), os metodistas, por exemplo, consideravam que a civilidade de um país era resultado da conduta de suas mulheres, cabendo a elas parte do resultado pela elevação ou depressão moral de seu povo. A inserção delas nas atividades da igreja relacionadas ao ensino, missões, filantropia, escrita de textos femininos e para a infância era admitida por colocá-las na posição privilegiada de civilizadoras ao educarem crianças, professores e outras mulheres.

A partir dos rastros deixados pelas mulheres protestantes, é possível vislumbrar os seus rostos. (ALMEIDA, 2014). O “rosto” que apresento é o da educadora metodista Judith Tranjan (1918-2018) entendendo que “A história das mulheres é, de uma certa forma, a história do modo como tomam a palavra.” (DUBY & PERROT, 1993, p. 10). Nos “rastros” deixados por Judith transparecem em seus textos escritos o “modo como tomou a palavra” revelando a história de si mesma. O pertencimento de Judith Tranjan ao protestantismo, considerado por esse grupo como religião da palavra, a singularizou em diferentes aspectos de sua vida. Entre os anos de 1932 e 1939, foi normalista do Instituto de Educação, localizado na cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal; posteriormente, atuou como professora

primária e da Escola de Professores dessa mesma instituição. Lecionou na Escola Dominical, em uma igreja metodista localizada na zona norte da cidade supramencionada e escreveu materiais didáticos para crianças entre 9 e 11 anos, matriculadas nas classes dominicais (*Revista do Curso Intermediário da Escola Dominical*, entre os anos de 1949 e 1951), manuais pedagógicos para os professores desta mesma agência de ensino protestante (*Revista do Professor da Escola Dominical-Infância*, 1949-1951) e a revista feminina *Voz Missionária* (1952-1968), utilizada pela Sociedade Metodista de Senhoras.

Assim, interpretar a trajetória de Judith Tranjan na educação metodista, por meio de seus textos escritos é o objetivo desse artigo, uma vez que eles denotam uma dimensão educativa e desvelam elementos relacionados ao pensamento e atuação de uma mulher no espaço público religioso como agente de sua própria história. Uma das principais ambiguidades, no que diz respeito à atuação das mulheres protestantes nesse espaço público religioso, é que suas histórias estão marcadas pelos lugares de subordinação a elas impostos pela hierarquia masculina das igrejas, ao mesmo tempo que, ainda que subordinadas ao discurso patriarcal, ousaram, dentro das limitações de sua época, pois tiveram alguma projeção no espaço público religioso em atividades consideradas próprias do universo feminino.

Nesse sentido, é possível escrever suas histórias com base na ampliação de atuação que elas tiveram para além do espaço doméstico, até então, local prevaletente das atividades femininas. Quais práticas pedagógicas são possíveis vislumbrar nos textos de Judith Tranjan para crianças e professores das Escolas Dominicais? De que forma os papéis que exerceu como professora, mãe, esposa e escritora entrelaçaram-se em sua escrita voltada às suas contemporâneas protestantes? Como referencial teórico-metodológico, a escrita biográfica sobre Judith será decomposta em “ritmos diversos” na perspectiva de Gomes (2004): tempos da casa (como esposa e mãe) e da igreja (como professora da Escola Dominical e escritora); não no sentido cartesiano que fragmenta e isola seus elementos, mas entendendo que existem múltiplas histórias interrelacionadas à trajetória de Judith no metodismo e que a historicidade do objeto não pode ser reduzida ao conceito de linearidade.

Conforme Perrot (1988, p. 186), “Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria.” Ainda, conforme a autora, as escritas das mulheres apresentam, principalmente, as histórias de si mesmas: “as mãos falam por elas”, basta um olhar atento às fontes para que se faça o relato que é a história das mulheres (op. cit. p. 36). Nos textos especificados que escreveu para as crianças das Escolas Dominicais, Judith Tranjan conduziu a interpretação dos pequenos leitores, disciplinando-os no corpo e na mente para uma vida cristã considerada adequada. Em relação aos professores das Escolas Dominicais, elaborou modelos para ensinar a Bíblia, demonstrando, também, que sua contribuição intelectual para a escrita desse manual pedagógico pautou-se nos conhecimentos que adquiriu como normalista do Instituto de Educação, especialmente no modelo de professor visto como ideal na época, ao mesmo tempo que incutiu uma pedagogia protestante no âmbito eclesial. Na revista feminina *Voz Missionária*, seus textos descortinam sua história e das demais mulheres metodistas que foram suas contemporâneas, a partir de artigos que giravam em torno do lar, maternidade e casamento. O viés educativo da revista mostra-se evidente nos conselhos dados por Judith às mulheres, visando formar condutas esperadas dentro da representação do feminino, presente nas décadas de 1950 e 1960.

Em suma, Judith Tranjan, do seu lugar de professora, esposa e mãe adquiriu legitimidade para educar crianças, professores e outras mulheres, em consonância com os valores burgueses e cristãos vigentes, especialmente, em torno da família. Assim, a trajetória que teve na educação metodista, legitimou vozes invisibilizadas na historiografia protestante, indicando que ela e demais mulheres foram agentes de suas próprias histórias ao ultrapassarem os

limites do doméstico e projetarem-se no espaço público religioso.

Palavras-chave: Judith Tranjan. História das mulheres. Educação metodista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rute Salviano. *Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro*. São Paulo: Hagnos, 2014.

ALMEIDA, Vasni de. *Religião e Educação: práticas de converter e ensinar dos Metodistas*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente. A Antiguidade*. Porto: Afrontamento, 1993.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história* (Org). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. Educadoras metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação. IN: *Revista de Educação do COGEIME*, V. II, n. 20, p. 93-98, 2002.

MENDONÇA, Antônio. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história – operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____, Michelle. *Minha história das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.